

RELAÇÕES DISCURSIVAS DE PODER NO CONTO MOÇAMBICANO "AS MÃOS DOS PRETOS" DE LUÍS BERNARDO HONWANA: A MANUTENÇÃO DE UMA IDEOLOGIA RACISTA.

Leonardo Mendes Gonçalves (UFJF)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo observar as relações de poder existente no discurso do colonizador mantidas sob a ideologia do racismo, incidida sob aqueles que estão sob a condição de inferiorizados diante de uma prática discursiva sustentada na narrativa “As mãos dos pretos” do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana escrita em 1964. Neste sentido, observaremos como as personagens do conto se portam diante desse discurso que amplia e conserva essas concepções de inferioridade apoiado em um contexto histórico-social, que traz a censura e ausência de liberdade em consonância com uma sistemática forjada sob a égide do modelo de sociedade de prospecto colonizador.

Palavras-chave: Racismo; Relações de poder; Conto.

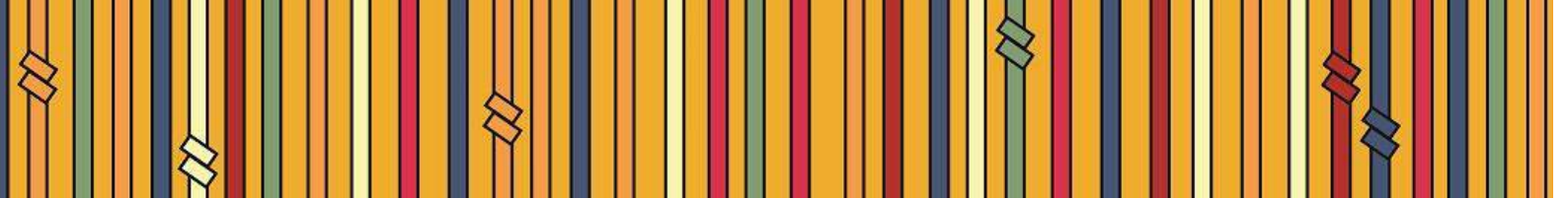
Primeiras considerações

A literatura em voga durante os anos de 1960 em Moçambique esteve atrelada as manifestações impostas pelo imperialismo português decorrente do longo processo de colonização a que esse país foi submetido. A postura crítico-literária de escritores desse período sondou consequências a que os nativos foram submetidos. Como manifestação de repulsa aos abusos propagados neste período, o tom de protesto engendrado por escritores como Luís Bernardo Honwana manifestou-se como lógica na criação do projeto literário, visando por meio da linguagem resistir às diversas formas de colonização que subjaz o homem desse período.

Assim, publicada no ano de 1964, a obra “Nós matamos o Cão-Tinhoso” traz nas narrativas marcas fixadas pelo processo de colonização em Moçambique, que não apenas se referiu ao aspecto territorial, mas que ultrapassou questões culturais, políticas, identitárias nos quais diversos sujeitos foram oprimidos por esse modelo político imposto durante esse período.

Nesta perspectiva, o conto “As mãos dos pretos”, narrativa inclusiva em “Nós matamos o Cão-Tinhoso” surge como uma narrativa potencial na perspectiva de refletir essa relação de poder que há nas explicações, nas justificadas que de algum modo fomentavam práticas racistas as quais os negros estavam submetidos.

¹ Mestrando em Estudos Literários (UFJF). Contato: leomendesgon@yahoo.com.br



Por esse ponto de vista, observamos que a questão na narrativa analisada potencializa uma reflexão em torno do preconceito gerado pelo colonizador ao renegar questões relativas ao outro; este que não é respeitado em sua construção identitária, em seus valores sociais e culturais, e que sofre diante uma prática discursiva, estabelecendo binarismos como superior/inferior, branco/preto, civilizado/não civilizado.

A literatura de protesto moçambicana de 1964: uma discussão sob o racismo em “As mãos dos pretos”.

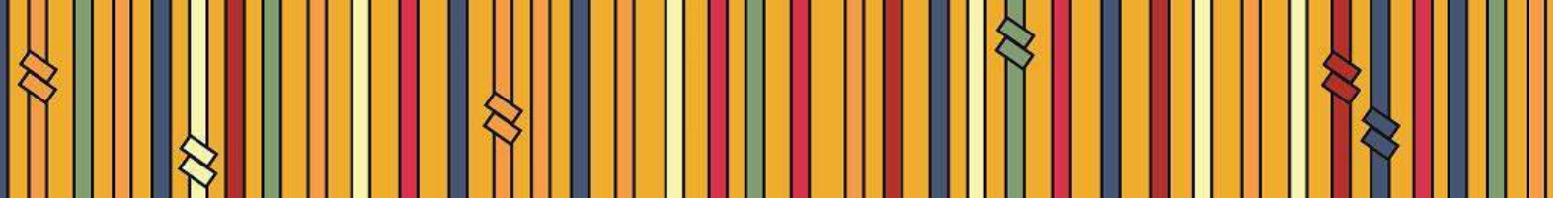
Sobre literatura colonial, o professor de literatura moçambicana Francisco Noa (2016) a responsabiliza por abordar as constantes relações entre brancos e negros, as várias tensões e extremidades empreendidas nesta constante relação. Para tanto, Noa afirma que esse tipo de literatura entre outros fins

recria um determinado imaginário e todo um discurso que acaba por traduzir, no essencial, a forma como o Ocidente (West) tem processado o a sua relação cultural e civilizacional com o outro (Rest) neste caso, o Africano. (NOA, 2015, p. 20)

Stuart Hall (1993) buscou mostrar a diferença entre o West / Rest numa proposta que distingue dois paralelos que podemos pensar em um mundo civilizado e o outro não, assim englobando o restante do mundo. Nessas categorizações, o continente europeu de onde surgem as grandes forças imperialistas para a costa africana e outros pontos do mundo. Embora essa polaridade seja aplicada à metodologia científica, ela nos permite pensar sob uma análise das personagens no conto, no lugar em que elas transitam.

Nesta logística do processo colonial, o advento pelo desenvolvimento de mecanismo trouxe consequências tais como a opressão, a ausência de razão e sobretudo o estado de irracionalidade no continente africano, gerando consequências que sobrepuseram os valores dos nativos que foram rejeitados pelos colonizadores, e assim recriando um novo discurso que acarretou na nutrição de um discurso de favorecimento da expansão colonial em África.

Desta forma, o que ocorre na verdade é uma ótica de subalternidade a que muitos moçambicanos são submetidos em “As mãos dos pretos” de Luís Bernardo Honwana. Portanto, neste sistema de coerção imposta pela ampliação de um discurso retrógrado, na



essência de separar os seres humanos partindo do princípio das relações entre colonizador / colonizado.

Em virtude dessa constatação de um universo dividido por essas congruências que motivaram um olhar sobre o texto ficcional, entendemos que de fato a literatura se torna um mecanismo fulcral na discussão de tais práticas racistas como desenvolvidas na narrativa de Luís Bernardo Honwana, ao apresentar um enredo propício em que se ver as marcas deixadas por uma linha de pensamento que renega o outro, que não respeita o outro por sua configuração étnica, social e histórica, mas que utiliza por parte de mecanismo colonial para manutenção de uma ideologia que ainda sustenta esse racismo, aqui entendido como uma forma depreciativa.

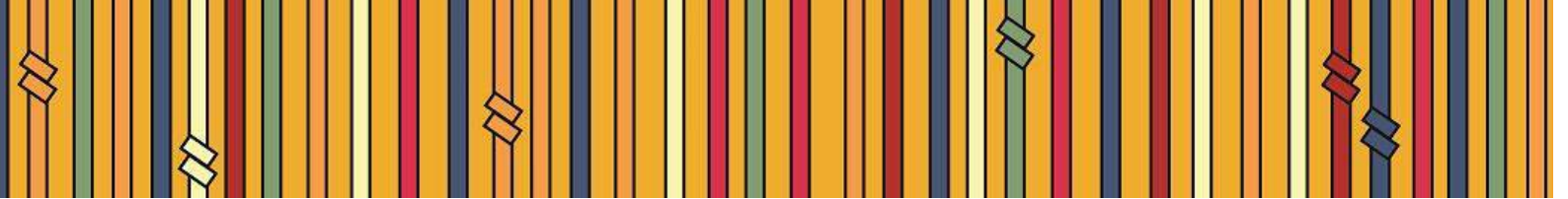
É importante dizer que esta tessitura é fruto da experiência de vida do escritor com o seu contexto histórico de luta permanente contra as forças políticas e ideológicas ainda presentes em Moçambique durante a década de 1960. Em vista disso, essa narrativa torna-se uma cena que se baseia na imitação do conceito na modelagem estética de um discurso colonial que fomenta a submissão através do medo, do racismo, do apagamento dos valores locais, na inserção de modelos europeus, no anseio por parte dos colonizadores de uma sociedade que seja guiada pelos padrões referenciais que promovem essas relações.

E ainda Francisco Noa afirma que:

Toda a escrita que, produzida em situação de colonização, traduz a sobreposição de uma cultura e de uma civilização manifesta no relevo dado à representação das vozes, das visões e das personagens identificadas com um imaginário determinado. (NOA, 2015, p. 20)

Para tanto, a ficcionalidade de Honwana se insere nesta proposta, ao abordar de maneira eminente um conto que expõe a questão da “diferença” das palmas das mãos do negros serem mais claras em relação as outras partes do corpo. No entender do escritor moçambicano, a perspectiva de discorrer em um conto por meio de ficcionalidade temáticas sobre o racismo que penetra os sujeitos apresentam tais propriedades, possibilita investir numa discussão literária bem como sociológica, pensando o discurso colonial sob a perspectiva de uma sistemática colonial imposta aos africanos em detrimento de uma valorização identitária que não cabia por parte do europeu.

O racismo torna-se umas das molas propulsoras que sustenta a desigualdade racial, visto que o projeto colonial estava pautado numa sistemática de civilizar o africano através



da bíblia, pela educação europeia e pelos planos de algodão – escravidão. Desta forma, percebemos que os ensinamentos – catecismo – constituem como dispositivos relevantes nesta empreitada. Não se pode esquecer que durante a chegada e ocupação dos territórios africanos, as antigas manifestações de culto a entidades sagradas locais foram proibidas e censuradas, em pouco tempo implantadas pelo forte catolicismo europeu.

Neste período o qual Honwana retrata, observa-se a relação de subalternidade ainda existente em função da correlação escola-igreja-sociedade que dita as referências de segmento desta sociedade colonial, por meios de suas instruções que adotadas por diversos sujeitos que aceitam os discursos apresentados como ímpares.

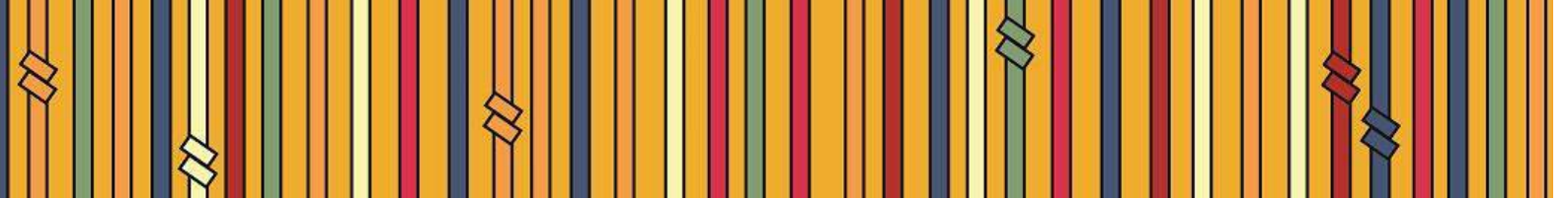
A nível literário, o foco narrativo constrói a imagem de uma criança que busca razões compreensíveis partindo de uma ideologia que persiste, portanto em tais locais como já mencionado, e que de alguma forma o afasta de uma racionalidade positiva, que não esteja pautado somente no discurso de representantes desta cultura. Essa busca que por se tratar de uma criança está simplesmente na curiosidade de conhecer um mundo estranho, das desvalorizações de seus contemporâneos pela ótica de um estrangeiro.

Portanto, é neste ponto que o conto em questão traz à tona o discurso racial e por conseguinte as personagens que sustentam tais discursos. Assim aparecem na narrativa figuras como o professor, o padre e outras personagens associadas a sociedade colonial que na narrativa são difusores dessas declarações em torno das mãos claras dos pretos em referência ao restante do corpo. Essa criança, acreditamos, está vivenciando as duras incompreensões de um espaço em que a transição de um universo infantil, talvez da inocência se transforma em um mundo caracterizado agora pela diferença que consiste entre o branco e o negro.

Desta forma, é estratégica a construção de cada personagem na narrativa, em virtude de observarmos que essas personagens são ícones dessa sociedade moçambicana no século XX. Desse modo, cada explicação que encontramos no conto se baseia numa linha de raciocínio vigente e operante.

As justificativas que fomentam o racismo na narrativa

O primeiro personagem e a primeira razão pela qual os pretos têm as mãos claras está contida no fragmento proposto pela figura do professor que mantém esse tipo de discurso.



É através do relato do narrador personagem que conhecemos o discurso mantido pelo professor.

O Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo, porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão como bichos, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. (HONWANA, 1980, p. 75)

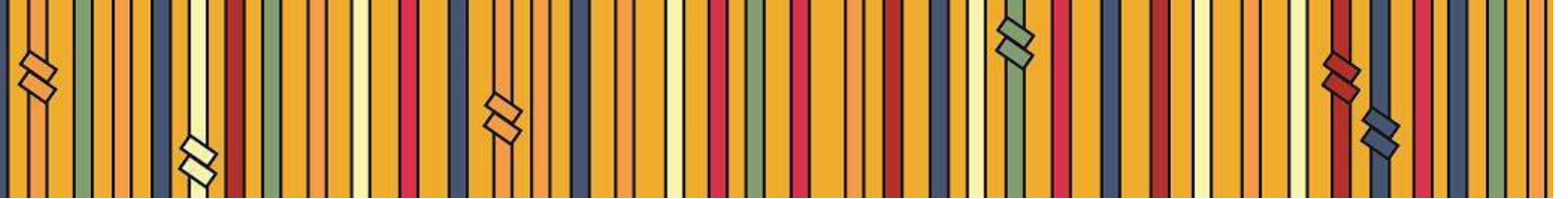
Certa vez, o teórico martinicano Franz Fanon a respeito do negro e da linguagem, afirmou que houve “diversas teorias que fizeram do negro o meio caminho no desenvolvimento do macaco até o homem”. Nesta resposta dada pelo professor, percebemos a ciência a favor do discurso colonial na manutenção dessa ideologia expressamente racista expressa pelo professor. (FANON, 2008, p.33)

Queremos aqui dizer que a possibilidade de uma convergência deste dispositivo lançado pelo colonizador na permanência e efetivação daquele racismo. Existe uma tênue linha ideológica amparada nas leis da época que apontam para a teoria evolucionista para explicar a origem, a transformação e a perpetuação das espécies ao longo do tempo através de um ancestral comum. Todavia a construção discursiva na primeira explicação consiste numa animalização, mostrando certa desumanização, desta forma o negro é visto como Rest proposto por Said e explorado por tão bem pelo teórico Stuart Hall.

A escola, na narrativa, é o “centro onde se reproduz o conhecimento autoritário” conforme entende Rita Chaves (2005, p. 56) a respeito desta instituição no período colonial. A escola enquanto espaço de divulgação e manutenção de um discurso é utilizada por Honwana na construção de seu texto à medida que durante o colonialismo, essas instituições promoveram uma propagação elitista do pensamento étnico, cultural, logicamente essa instituição esteve influenciada sob a congruência do colonialismo.

Todavia Honwana não é ingênuo ao construir essa narrativa. É meticuloso ao escolher esses personagens dentro dessa perspectiva colonial. O objetivo do escritor é ironizar o projeto social vigente em seu tempo que cada vez mais condicionava e o trazia à tona um desprezo pelo colonizado; aquele indivíduo que não pertencia ao padrão estipulado pelo colonizador.

A segunda razão passaria pelo crivo do aspecto religioso, logo o homem estaria submisso ao discurso religioso que também influenciava a sociedade moçambicana. Tanto



o padre, como figura representante da estrutura social em Moçambique, quanto o Sr. Antunes da Coca-Cola, este inculcando uma simbologia representante do imperialismo, utilizam-se do discurso vindo do campo religioso para mostrar que um ser sobrenatural fez os negros.

Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram em moldes usados de cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?! (HONWANA, 1980, p. 76)

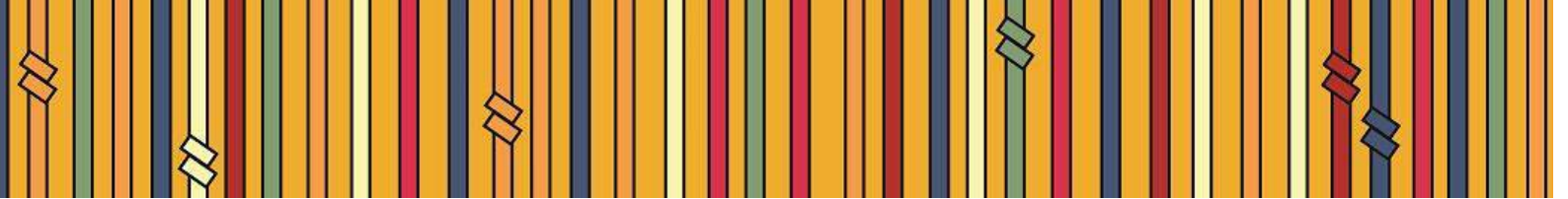
É nítido a imposição de uma teoria cristã que propõe que os pretos tenham sido feitos pelo deus do colonizador, portanto a construção do discurso puramente racial propõe um olhar menor para o negro, que passa a ser diferenciado pela sua tonalidade de pele. Então, no processo da criação o padrão do colonizador inclusive sobre a tonalidade de pele é imposto sobre os negros, haja vista que a religião é um mecanismo centralizante na continuação da colonização ideológica.

Sabe-se que as missões cristãs vindas da Europa desde a ocasião da colonização de diversos territórios em diversas territorialidades em todo mundo promoveram a imposição à força de uma ideologia cristã vinda de fora trazendo experiências traumáticas àqueles que inicialmente se defrontaram com essa realidade.

Franz Fanon acredita no absurdo que seriam certas proposições acerca da separação existente entre negros e brancos como proposto na religião. Para esse o teórico martinicano

“De acordo com as Sagradas Escrituras, a separação das raças brancas e negras se prolongará no céu como na terra, e os nativos acolhidos no Reino dos Céus serão encaminhados separadamente para certas casas do Pai, mencionadas no Novo Testamento”. Ou ainda: “Somos o povo eleito, observe a tonalidade das nossas peles, outros são negros ou amarelos por causa dos seus pecados” (p. 44)

Fanon adverte que as igrejas na colônia se trata respectivamente de uma igreja ideologicamente formulada pelos brancos, para tanto sendo uma religião alóctone, de estrangeiros. E assim não chamaria o homem colonizado para a vida de fato com esse Deus



apresentando por eles, contudo essa apresentação seria apenas pelo caminho do opressor. (FANON, 2008, p.31)

Além disso, a escravidão é a força motriz do processo de manutenção econômica e política em muitos países do mundo como foi o caso dos Estados Unidos, Cuba e Brasil, por exemplo. No discurso da personagem Dona Dores percebemos outra justificativa na perspectiva de manter certa sequenciação na lógica da ideologia colonial em tornar o preto submisso em questão dessa subalternidade. Dessa forma, o preto deve estar na condição de escravo, submisso aos trabalhos a eles incutidos, servindo a elite colonial.

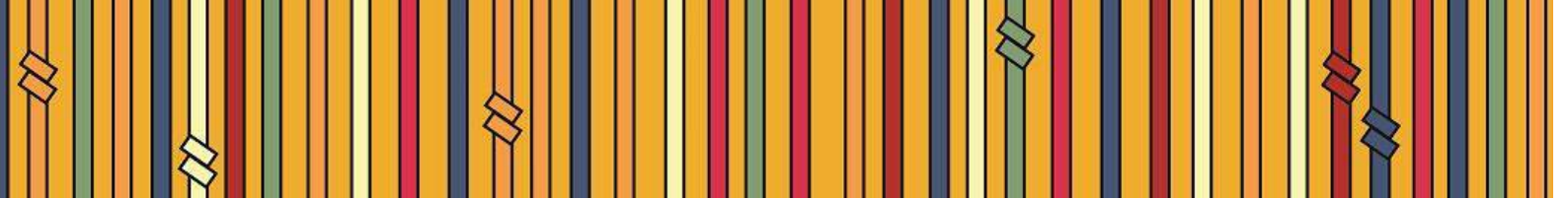
A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa. (HONWANA, 1980, p. 75)

Vemos que neste fragmento, a personagem se adequa a esse discurso que se torna incutido nessa sociedade. Essa aceitação é vista como um mecanismo utilizado pelo colonizador no aprisionamento ideológico, tornando essa personagem inerte a essa sistematização organizada pelo colonizador. E como menção ao trabalho desempenhado por tais sujeitos “os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco da Virgínia e de mais não sei onde.” (HONWANA, 1980, p. 76)

Dentro de uma perspectiva de trabalho colonial, as mãos são importantes, pois delas provem os trabalhos manuais e para esse sujeito preso a essas amarras sociais um modo de sua própria sobrevivência, mesmo sendo cativo dessa sistemática. Sabe-se que os trabalhos nos quais os negros trabalhavam geralmente estavam ligados a serviços manuais; geralmente realizados no interior de casas, nas zonas rurais dentre outros. Portanto, as mãos deviam ser claras, como aponta o discurso de Dona Dores, a fim de que elas não sujassem a comida.

Outra justificativa dita pelo Senhor Frias.

Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. (HONWANA, 1980, p. 76)



A última justificativa que nos é apresentada de certo modo mostra a entrega da personagem pelo ocorrido, mostrando resignação por Deus ter os feitos a partir de um processo que causaria pena, ressentimento. A própria criação desse ser criador estaria dentro de um contexto de incoerência ao não fazer o homem ao modo que fizera com o branco, visto que não fora um deus justo partindo de um princípio da não valorização do homem negro. A resposta dada ao filho é também um discurso de dor, de ressentimento ao ver aquela situação tão presente na vida moçambicana

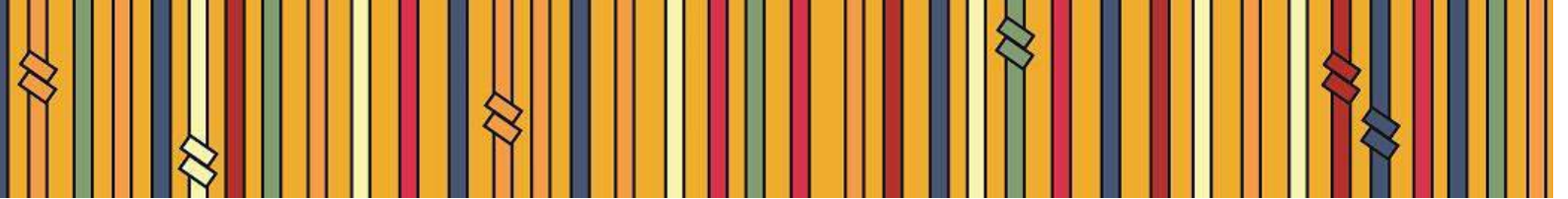
Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. (HONWANA, 1980, p. 77)

E ainda Honwana acrescenta “Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos” (HONWANA, 1980, p. 77). Muito embora o colono sempre esteve na condição de sujeito abatido pela preponderância de um discurso colonial no qual esteve sempre decifrando os signos deste território que presumiu uma espécie de subalternidade pelo pensamento colonizador.

De certo modo o texto de Honwana apresenta uma textualidade que está em constante debate da posição do negro na esfera do racismo tão expresso no contexto colonial. Como observado o discurso do colonizador é meramente um retrato que visualizar as diversas diferenças entre o colonizador e o colonizado. Diferença essa que é enfatizada na questão da tonalidade de cor.

Configura-se, portanto, este fator que sustenta o discurso do Outro europeu na perspectiva de imprimir na sociedade colonial as relações de poder que existem a partir dos constantes binarismos existenciais, por conta de uma falsa superioridade cultural visto pelo colonizado.

O teórico tunisiano Albert Memmi aponta para a potencial combinação de empreendimento por parte do colonizador, na expectativa de obter apego aos privilégios



institucionais sobre aqueles indivíduos que estão sob o julgo da escravidão colonial, além do racismo tão fulcral na sustentação desta sistemática política, bem como a obtenção de lucro através das práticas discursivas que promove a superioridade.

Desta forma, Memmi reitera

O colono só pode absolver a si mesmo ao perseguir sistematicamente a desumanização do colonizado, isto é, ao identificar-se a cada dia um pouco mais com o aparelho colonial. O terror e a exploração desumanizam, e o explorador se sente autorizado por essa desumanização a explorar ainda mais” (MEMMI, 2007, p. 39)

Esta condição atribuída ao colonizado é muitas vezes aceita partindo dessa configuração de subalternidade empreendida no colonialismo e na mentalidade daqueles que vivem essa sistemática, já que o sistema colonial é uma força em movimento. Essa condição se ergue em virtude de se perceber que “O racismo colonial é tão espontaneamente incorporado aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das estruturas mais sólidas da personalidade colonialista” (MEMMI, 2007, p. 107)

Considerações finais.

A narrativa “As mãos dos pretos” serve para a literatura dita colonial moçambicana como um protótipo das consequências gerenciadas pela proposta colonial. No decorrer da narrativa apenas se enumera discursos que não valida e não legitima o negro enquanto sujeito integrante dessa sociedade moçambicana dos anos de 1960 em diante.

Posto isto, ainda é possível perceber que as personagens servem como evidência de um posicionamento passivo em torno de um discurso repressor mantido pelas incógnitas preservada por esse discurso proeminente, assim as personagens se mantem em consonância com essa linha de sujeição.

Sendo um narrador pueril, sua inocência, que é intencional e marca desse escritor relata através da memória tal questionamento que apresenta diante a tonalidade mais clara das mãos dos pretos. Portanto, todas as justificativas apresentadas no conto se justificaram devido ao discurso hegemônico do europeu, considerando o negro inferior, logo existindo um discurso carregado de preconceito.



Referências bibliográficas

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

HALL, Stuart. *Formations of Modernity*. London: Polity Press, 1993.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o Cão-Tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária*. São Paulo Kapulana: 2015.